

## RESENHA

VIEIRA, Eurípedes Falcão; VIEIRA, Marcelo Milano Falcão. **Espaços econômicos: geoestratégia, poder e gestão do território.** Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2003.

Flávia Lopes Pacheco<sup>1</sup>, Fernando Pontual de Souza Leão Júnior<sup>2</sup>

---

*The content of GESTÃO.Org is licensed under a Creative Commons Attribution 3.0 license.*

---

1 Mestre em Administração pelo Programa de Pós Graduação em Administração da Universidade Federal de Pernambuco (PROPAD/UFPE). Professora do Núcleo de Secretariado Executivo da Universidade Federal de Sergipe (NSE/UFS). Colaboradora do Observatório da Realidade Organizacional. flaviapacheco@yahoo.com.br  
2 Doutor em Desenvolvimento Urbano. Professor da Universidade de Pernambuco, Campus Caruaru. Pesquisador dos grupos de pesquisa NUGEPP (Núcleo de Gestão em Políticas Públicas\UFPE) e NUPESP (Núcleo de Pesquisas em Economia do Setor Público). fpontual@globo.com

Compreender as novas formas de estruturação dos espaços territoriais em uma sociedade pós-moderna e global é uma das áreas de interesse de diversos pesquisadores desde o fim do século passado até os dias de hoje. Com as profundas e rápidas mudanças ocorridas no processo civilizatório ao longo dos últimos anos, uma grande certeza marca esta nova era: o modelo econômico e ideológico capitalista é o que determina a nova configuração do espaço geográfico, político, econômico, social e cultural. As grandes corporações são as grandes detentoras de poder e o Estado-Nação passa, cada vez mais, a ser gerido sob os moldes organizacionais empresariais.

Esse é o tema debatido entre os professores Marcelo Milano Falcão Vieira e Eurípedes Falcão Vieira no livro **Espaços Econômicos: Geoestratégia, Poder e Gestão do Território**. A partir desse trabalho, os autores passam a apresentar uma discussão mais profunda sobre um tema de interesse de ambos, cada um com sua perspectiva, e que demonstram o caráter multi e interdisciplinar da proposta deles.

Antes de tratar da resenha do livro em si, cabe aqui apresentarmos o claro reconhecimento da escrita e visão de mundo do professor Marcelo Vieira. Sua visão crítica a respeito da realidade mundial, com suas novas configurações, baseadas, principalmente, sob uma lógica econômica e desigual, é visível em toda a discussão que permeia o trabalho em questão. Ao enxergar a gestão territorial sob uma perspectiva crítica, os autores nos levam a questionar a ideologia dominante e, ao mesmo tempo, refletir sobre um novo mundo e uma sociedade com relações mais harmônicas, simétricas e justas, trazendo com isso a grande riqueza deste estudo.

Além disso, cabe também salientar que, ao compreender a atual estruturação territorial e espacial do mundo sob a lógica da desigualdade e da hegemonia do capital e, conseqüentemente, do mercado, torna-se evidente quem são os grandes detentores de poder na sociedade e como as decisões são tomadas. Para territorializar os espaços produtivos (lugares-globais), é preciso desterritorializar os espaços nacionais (lugares-locais) a partir das práticas econômicas que se produzem através de manifestações de poder apresentadas, principalmente,

pelas grandes corporações multinacionais e os grandes blocos de países centrais que detém o poder político, ideológico e militar.

Sob essa perspectiva, o livro é estruturado da seguinte forma:

Inicialmente, os capítulos de Apresentação e Introdução da obra em questão nos trazem um resumo-reflexão acerca dos temas debatidos nas páginas seguintes. Ler tais capítulos traz, ao leitor, uma visão a respeito do que é analisado, discutido e criticado pelos autores ao longo dos capítulos seguintes. Tudo isso feito de forma analítica, argumentativa e instigante. Difícil não ler esses dois capítulos e não querer ler o livro até o fim.

Posteriormente, o livro é dividido em três partes. Na primeira, eles analisam o espaço econômico; o paradigma espaço-tempo; a evolução das formas sociais e econômicas; a espacialidade logística e dialética dos espaços fragmentados; e fluxos e redes globais. Na segunda parte, são tratados temas que dizem respeito ao pós-modernismo territorial; a redefinição dos lugares; o lugar-global e o lugar-local; a geoestratégia dos espaços econômicos; e a nova dimensão espaço-temporal do território. Na terceira parte, debate-se o tema do poder e as complexas questões ligadas à gestão do território. E, por fim, encerram o livro com um capítulo de conclusão.

A Parte I tem como título: O Espaço Econômico, e apresenta, em cinco capítulos, os principais conceitos que permeiam as discussões a respeito da gestão do território na atualidade. No primeiro capítulo, Eurípedes e Marcelo Vieira apresentam o paradigma espaço-tempo como ponto central de análise para se compreender o novo cenário geoeconômico, configurado pela nova ordem econômica internacional. Para isso, apontam para a importância do lugar nas operações globais atuais, esclarecendo que o conceito de lugar mudou. Na sociedade atual, o espaço econômico ganha destaque e, para compreendê-lo, há que se compreender os conceitos de lugar-local e lugar-global em uma sociedade pós-moderna e globalizada que trouxe consigo uma redefinição da lógica espaço-tempo.

No segundo capítulo, os autores tratam da indissociabilidade da noção de espaço e tempo, enfatizando que o conceito de espaço-tempo está ligado à ideia de um universo dinâmico. Já no capítulo seguinte, apontam a existência de dois pressupostos importantes para a caracterização logística do espaço: os determinantes físicos e os sociais, sendo o primeiro relacionado aos ambientes naturais, no qual atuam as forças da natureza e onde se constroem os espaços sociais; e o segundo, extremamente dinâmico e que se manifesta como o resultado do desenvolvimento do modo de produção. Assim, os autores demonstram a importância do

lugar no processo de inserção da economia global. Economia esta que fragmenta os espaços, torna-os globais e neles introjeta influências de poder que lhes assegurem o controle do mercado.

Nos dois últimos capítulos desta parte do livro, os autores tratam, inicialmente, dos fluxos econômicos e as novas formas espaciais, construídas num ciberespaço através do qual as relações sociais, econômicas, políticas, culturais e artísticas são transmitidas de forma instantânea em rede mundial. Essa velocidade no acesso à informação e a quebra de barreiras espaciais, tornou a palavra globalização um signo com uma função político-ideológica capaz de legitimar o sistema econômico capitalista e suas práticas. Assim, o capitalismo dá espaço a uma nova realidade: a sociedade em rede, fundamentada numa reorganização da sociedade com base em uma economia informacional, que exige rígidas sujeições entre os atores econômicos e institucionais. Essa rede, formada no âmbito da nova economia global, estimula o surgimento de uma nova modalidade de competição do mercado - a competitividade - que, segundo os autores, enfraquece os valores morais e estimula a violência.

A Parte II do livro tem como título: O Cenário Geoestratégico e as Formas de Organização e Redefinição do Território. Nos seis capítulos que seguem a discussão dessa parte do livro, os autores buscam aprofundar os conceitos anteriormente apresentados, enfatizando na reorganização e redefinição estratégica do território. Em cada um dos capítulos é possível perceber que a nova dinâmica de gestão do território na atualidade passa a ser direcionada a uma mudança que transforma o lugar-local, fundado no regionalismo e na história da localidade geográfica, para o lugar-global, alicerçado na estratégia da lógica de mercado.

O Capítulo 6 apresenta que o pós-modernismo territorial, com suas novas formas de organização e redefinição do espaço, traz consigo uma unipolaridade político-ideológica dominante, em que o novo território constituído é fundamentado no dinamismo econômico. Assim, a gestão do território passa a ser observada por uma mudança do modelo de gestão local para um modelo de gestão global, onde o mercado passa a ter poder de influência nas decisões dos poderes públicos desses locais.

O capítulo seguinte analisa as mudanças ocorridas na concepção de espaço industrial, que passa a assumir vários formatos nas novas macrorregiões econômicas, moldados por acordos políticos e interesses multinacionais. No Capítulo 8, os autores conceituam a expressão “geoestratégia dos espaços econômicos” como o conjunto de circunstâncias que

formam um contexto onde se articulam a importância do lugar, o local da ação e a manifestação do poder. É ela, portanto, que irá redefinir o território com base nas condições logísticas do lugar sob um ponto de vista econômico.

O Capítulo 9 aponta como a nova forma de estruturação do Estado, baseada nos princípios econômicos do neoliberalismo, influencia no reordenamento do território, que deixa de seguir o modelo de gestão pública para assumir um novo modelo, baseado na lógica das empresas privadas. Assim, a geoestratégia dos territórios deixa de ser a estratégia regional, fundamentada na herança histórica e no lugar-local e passa para uma estratégia voltada ao lugar-global.

A instrumentalização deste processo de gradual redução do poder do Estado no controle dos fluxos de capitais globais é retratada no Capítulo 10, em que os autores discutem as novas estratégias das corporações multinacionais e as facilidades encontradas com a desestruturação do aparelho estatal de regulação. Destacam-se neste processo, a queda das barreiras comerciais, os avanços na tecnologia da informação, redução das distâncias a pontos virtuais, as subjetividades lógicas do ciberespaço e os valores e signos introduzidos pela tecnologia da informação.

O Capítulo 11 finaliza a segunda parte do livro, consolidando o argumento proposto nos capítulos anteriores e reafirma a questão da compressão espaço-temporal e fragmentação territorial no contexto da nova economia informacional. Nesse ambiente de mudança, a riqueza é global, ao passo que a pobreza é local, a concepção de uma nova ordem global acaba por asseverar essa condição de desigualdade entre os lugares e regiões no mundo. Caberia ao Estado o papel de mediar os interesses globais e locais, garantindo que os seus cidadãos tenham seus interesses defendidos por seus governantes. Mas a realidade, conforme os autores, tem demonstrado o contrário, uma subserviência cada vez maior dos Estados ao capital financeiro multinacional.

Na Parte III do livro, os autores discutem os reflexos da nova conformação social pós-industrial nas relações de poder vigentes dentro e fora dos Estados-Nação. O poder é analisado em sua composição e nas práticas erigidas no âmbito dos círculos de poder globais e sua articulação com os contextos locais. Essa parte do livro foi dividida em 3 (três) capítulos. Estes capítulos deixam claro um posicionamento crítico acerca das novas configurações de poder global, ao mesmo tempo em que apontam alternativas para que a sociedade constitua formas que possibilitem a reinserção do poder social nos círculos de poder globais.

O Capítulo 12 apresenta uma análise das transições nas bases e no exercício do poder a partir da transição da estrutura de um Estado forte para o de uma economia global. Por meio da queda das barreiras econômicas e da conseqüente transnacionalização do capital em fluxos de poder decisório global, essa transição conduziu a uma perda cada vez maior do poder local e uma adesão à nova ordem global por meio de instrumentos de pressão internacionais (blocos econômicos, órgãos de fomento, entidades de regulação econômica, etc.). Para os autores, esta nova ordem global pôs em posições divergentes os poderes econômico e social. O poder econômico cooptou o poder político e ambos passaram a tirar o foco do local para os fluxos de decisão globais.

O Capítulo 13 ressalta a perda de poder, no âmbito interno dos países, para os Estados-Regiões e os fluxos de decisão globais, que envolvem a transferência de parte do poder local para um poder privado transnacional.

No Capítulo 14, os autores apresentam as formas multifacetadas e complexas de exercício de poder e gestão territorial. As diferenças jurídico-administrativas demandam a adesão dos poderes locais para a ação do capital global por meio dos investimentos externos. Nesse sentido, surge um processo de articulação entre o local e o global configurando uma nova forma de poder. Os atores sociais têm interesses semelhantes, mas com perspectivas diferentes. Destarte, a capacidade de articulação de forças locais é um fator capaz de fazer mais fortes os interesses locais na constituição dos acordos necessários à gestão territorial. Desse modo, é possível uma ampliação mais efetiva entre o espaço local e o espaço global. Diferentemente da sociedade moderna, a era pós-moderna não se articula por meio de ideologias políticas dominantes, mas por meio da própria rede de informações, que gera valores e estes são compartilhados e exigem sua inclusão nos valores globais hegemônicos (questões ambientais, de direitos humanos, luta contra a pobreza, etc.).

Finalmente, a Conclusão do trabalho ressalta a revolução tecnológica e organizacional como elementos fundamentais na constituição de uma nova ordem econômica global. O enfraquecimento do Estado-Nação conduz a uma inserção cada vez maior da sociedade local no contexto global, por meio de uma transição para uma era pós-nacional, mas sem desterritorialização das nações. Ou seja, a gestão do território passa a ser compartilhada com o poder global hegemônico, mas as nações continuam a existir, principalmente para dar sustentabilidade e segurança ao funcionamento do sistema econômico global.

Ao mesmo tempo em que os autores abordam criticamente os impactos da sociedade pós-nacional para as questões locais, entendem que será necessário um maior multilateralismo para que o sistema se mantenha em curso. Assim, os autores acreditam que inevitavelmente surgirão novas formas de organização social, contidas na própria rede global, que irão funcionar como uma forma de contra-hegemonia, ainda que não seja capaz de mudar a ordem das coisas, mas pelo menos de inserir valores do local para o global, do periférico para o central.

Portanto, ao encerrar a leitura do livro escrito por Marcelo e Eurípedes Vieira, mesmo depois de conhecer as novas facetas da ideologia dominante do capitalismo global, temos o vislumbre de uma sociedade mais justa e igualitária no futuro.

Apesar da leitura com temas extremamente complexos e densos, a obra em questão é capaz de, em poucas páginas, oferecer um panorama geral sobre um tema interdisciplinar, extremamente rico, que é a gestão do território. É um livro que apresenta argumentos e pontos de vista extremamente críticos, mas baseados em uma análise da economia mundial do início do século XXI, com exemplos e descrição de fatos que tornam a leitura instigante e, ao mesmo tempo, esclarecedora. Recomenda-se uma leitura cuidadosa, reflexiva, se possível ler várias vezes, pois em cada uma destas, novos aspectos serão (re) descobertos ou (re) avaliados. É um tema que não se esgota com a leitura, mas vários *insights* acerca de novas possibilidades para estudos marcam a construção dos argumentos apresentados por Marcelo e Eurípedes Vieira.